

Médicos do Brasil Colonial

Em virtude da inexistência de escolas e universidades no Brasil colonial, médicos (também conhecidos por físicos) e cirurgiões com formação acadêmica, forçosamente vinham do estrangeiro. A maioria era de origem portuguesa, mas espanhóis, franceses e holandeses deixaram sua marca durante os primórdios da colônia.

O primeiro médico a aportar nestas terras foi o mestre João Menelau, cuja titulação incluía os graus de médico, cirurgião, astrônomo e astrólogo do rei. Ele possivelmente fora incluído na esquadra de Cabral por seus conhecimentos, em especial àqueles referentes aos astros. Esta misteriosa figura da história pela primeira vez descreveu nos céus o nosso Cruzeiro do Sul e viabilizou, através de seus mapas, o retorno dos portugueses aos novos territórios descobertos. Não era estranho para a época que os médicos tivessem tal conhecimento em astrologia, tendo em vista a medicina exercida na época - um misto da antiga tradição galênica e de maciças doses de misticismo medieval. Mestre João, mesmo vivenciando precárias condições clínicas, não fez nenhuma contribuição médica conhecida, e deixou para o escrivão Pero Vaz de Caminha a incumbência de descrever a saúde das gentes estranhas que encontrara naquelas terras...

Um vácuo na vinda de médicos ocorreu após a descoberta, e o próximo somente viria com o primeiro governador geral, Tomé de Souza. Jorge Valadares permaneceu em seu cargo durante os quatro anos de seu contrato firmado com o governo português. Entre 1549 e 1553, como físico-mor, ele recebeu a quantia de 2.000 réis mensais para prestar assistência médica aos colonos. Não era muito - um bispo, por exemplo, receberia 120.000 réis anuais. Depois dele, cargo semelhante seria exercido pelos cirurgiões que, na época, não tinham formação médica universitária, mas que se perpetuaram nos cuidados à saúde colonial.

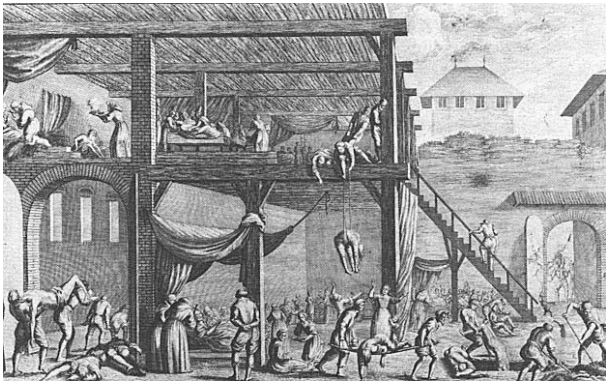


Poucos eram os profissionais que queriam vir ao Brasil, exceto aqueles que buscavam aventuras ou estavam fugindo da inquisição - a medicina não era valorizada em Portugal e as famílias mais tradicionais preferiam carreiras eclesiásticas e as ligadas ao direito. Desta forma, a grande maioria dos médicos lusitanos eram cristãos novos, formados em Coimbra ou Salamanca, que enfrentavam uma série de dificuldades profissionais e pessoais.

Além de um tempo médio de estudo de dez anos, eles ainda eram submetidos a um exame para a concessão de licença para exercer a profissão.

Quando esta era concedida, aqueles que se locomoviam entre as pequenas vilas precisavam requerer permissão especial para adquirir muleiras, um meio de transporte essencial para a época, mas de difícil obtenção - o governo português incentivava mais a criação de cavalos para uso militar. Foi o que aconteceu com Garcia da Orta, médico que acompanhou a empreitada de Martim Afonso de Souza e que viu nascer a vila de São Vicente, no litoral de São Paulo. Ele não deixou nenhuma observação sobre o que encontrou no Brasil, mas dirigiu-se às Índias, que lhe prometiam lucros fabulosos. Lá ele foi o primeiro médico ocidental a descrever um surto de cólera, então conhecida por mordexim, e mesmo após sua morte, foi vítima da inquisição. Seus ossos foram desenterrados e queimados por acusação de judaísmo.

Mas e o Brasil? Bem, esta não era apenas uma terra de oportunidades, mas também de índios



hostis e de ínfima população que pudesse usufruir dos benefícios de um serviço de assistência privilegiado. Quando pagos, muitas vezes os médicos eram ressarcidos em gêneros alimentícios (porcos, galinhas, farinha), ou tecidos e outras manufaturas vindas da metrópole. Por este motivo, na desvalorizada profissão seus executantes eram obrigados a trabalhar em outras áreas para a sua sobrevivência. Quando presentes, preferiam se instalar em praças maiores como Salvador, Recife e, posteriormente, o Rio de Janeiro, onde enfrentavam a concorrência de cirurgiões e daqueles que exerciam práticas médicas populares.

Os nascentes hospitais, representados por instituições militares e pelas Santas Casas, tinham dificuldades na contratação de profissionais e os Senados das Câmaras de vilas e cidades, com frequência enviavam ao governo colonial requerimento para a vinda de médicos. No primeiro hospital do Brasil – a Santa Casa de Santos – o trabalho médico era voluntário no atendimento à população local e de marinheiros, que adoeciam após extenuada travessia do Atlântico.

Escassos também em Portugal, os físicos eram mandados em caráter excepcional, como ocorreu na grande epidemia de febre amarela em Recife. Em 1690, o médico João Ferreira Rosa, mediante o contrato de uma pensão de 20 mil réis e uma ajuda de custo de 50 mil réis, apresentou as regras para uma campanha considerada como a primeira de caráter profilático das Américas. Dentre medidas hoje consideradas curiosas, como o acendimento de fogueiras, a expulsão das meretrizes da cidade e a emanação de tiros de canhão para afugentar a epidemia, o médico também ordenou medidas higiênicas que resultaram no enfraquecimento gradativo do mal.



A competência de Rosa teria sido exceção, segundo relatos contemporâneos. A própria medicina da época, utilizando-se de uma terapêutica agressiva, teria contribuído para a má reputação de seus profissionais, mas no Brasil a situação parecia ser pior. O famoso médico Curvo Semedo, que visitou o país por volta de 1691, testemunhou que aqui os físicos eram afeitos ao exagero e sangravam doentes de 20 a 30 vezes, até que morressem. Tal situação não parece ter mudado no século seguinte, quando, em um de seus sermões, Frei Caetano Brandão, Bispo do Grão Pará e Maranhão, proferiu “... é melhor trata-se a gente com um tapuia do sertão, que observa com mais desembaraçado instinto, do que com médico de Lisboa”...

Declaração embaraçosa para os profissionais que já não eram muito valorizados - os tapuias eram indígenas então considerados como os mais primitivos da colônia.

A escassez de médicos foi patente durante todo o período colonial. No final do século XVIII, relatos de visitantes estrangeiros, como os de von Martius, informavam que em todo o Brasil não existiriam mais de 12 médicos formados. Desta forma, não é estranho que uma das primeiras medidas de D. João, ao chegar ao país, tenha sido a fundação de duas escolas de cirurgia que, posteriormente, se transformaram em médicas por força das circunstâncias. 🏠

Profa. Dra. Cristina Brandt Friedrich Martin Gurgel

Grupo de Estudos História das Ciências da Saúde

FCM, Unicamp

Boletim da FCM - 17